



**ASSEMBLEIA MUNICIPAL
DA
FIGUEIRA DA FOZ**

**ATA N.º 3/2012
SESSÃO EXTRAORDINÁRIA
DE 25-04-2012**

“Nos termos do art.º 91.º da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, com nova redação que lhe foi dada pela Lei n.º 5-A/2002, de 11 de janeiro, as atas são publicitadas na íntegra, mediante edital afixado durante 5 dos 10 dias subsequentes à sua aprovação, tendo em vista garantir a publicidade necessária à eficácia externa das decisões”.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Ata n.º 3 da Sessão Extraordinária de 25-04-2012

LOCAL - Sala das Sessões dos Paços do Município-----

DATA - 25 de Abril de 2012-----

INICIO - Dez horas-----

A sessão iniciou-se com a presença de:-----

PRESIDENTE - Vítor Frederico da Silva Figueiredo Pais..... PSD

1.º SECRETÁRIO - António Azenha Gomes..... PSD

2.ª SECRETÁRIA - Ana Elisabete Laborda Oliveira..... PSD

MEMBROS - José António Nogueira dos SantosMOVIMENTO FIGUEIRA 100%

Lídio Manuel Coelho de Neto Lopes PSD

Tiago Gomes Teodósio Castelo Branco PS

Maria Isabel Gaspar Ferreira de Sousa Partido Social Democrata

António Jorge Rodrigues Pedrosa MOVIMENTO FIGUEIRA 100%

Paulo Filipe dos Santos Gonçalves MOVIMENTO FIGUEIRA 100%

Manuel Simões Mota PS

Adelino da Costa Pinto PS

António Francisco Guerra Padrão PSD

Nelson César Santos Fernandes CDU

Maria dos Prazeres Alves de F. de Mendanha e Albergaria PS

David Manuel Fajardo Azenha PSD

Francisco Nuno Costa de Melo Biscaia PS

Marina Resende Gomes da Silva PS

Isabel Maria de Oliveira F. G. Coimbra Barriga ... MOVIMENTO FIGUEIRA 100%

Júlio José da Rocha Bertão PS

Manuel António Fernandes Domingues PSD

Mafalda Sofia Mendes Azenha Partido Socialista

Maria Margarida de Oliveira Monteiro Fontoura PSD

Luís Nuno de Almeida e Castro PS

PRESIDENTES DE JUNTAS DE FREGUESIA

(Alhadas) Jorge Manuel Rocha Oliveira PSD

(Alqueidão) Maria Caeiro Marques Simão PSD

(Bom Sucesso) Dário Figueiredo Acúrcio PSD

(Borda do Campo) José António Carvalho Gaspar PS

(Brenha) Fausto Fernando Santos Loureiro PS

(Buarcos) José Manuel Matias Tavares PS

(Ferreira-a-Nova) Euclides Pagaimo de Jesus Frade PSD



(Lavos)	José Elísio Ferreira de Oliveira	INDEPENDENTE
(Maiorca)	Filipe Humberto Mateus Dias	PSD
(Marinha das Ondas)	Manuel da Conceição Rodrigues Nada	PS
(Moinhos da Gândara)	Paulo Manuel Querido Rodrigues	PSD
(Paião)	João Paulo Gonçalves Pinto	PS
(Quiaios)	Carlos Manuel da Silva Rabadão	PSD
(Santana)	Fernanda do Rosário Oliveira	PSD
(S. Julião)	Fernando Góis Moço	PS
(São Pedro)	Carlos Manuel Azevedo Simão	INDEPENDENTE
(Tavarede)	Victor Manuel dos Santos Madaleno	PS
(Vila Verde)	João Filipe Carronda da Silva Antunes	PS

Após verificação do quórum, deu-se início à sessão.-----

SUBSTITUIÇÕES

Foram substituídos: António Manuel Pereira Simões por Júlio José da Rocha Bertão.-----

JUSTIFICAÇÃO DE FALTAS

Justificaram as faltas os seguintes membros: António Manuel Pereira Simões e João Paulo Águas Tomé Ferreira dos Santos.-----

As cerimónias comemorativas do 38.º Aniversário da Revolução de 25 de Abril, iniciaram-se com a concentração de todos os membros da Assembleia Municipal, Executivo Municipal e convidados, pelas 09,30 horas, junto da Câmara Municipal da Figueira da Foz.-----

O Presidente da Câmara, acompanhado pelo Presidente da Assembleia Municipal, passou revista à formatura de honra constituída pelos Bombeiros Municipais e Voluntários da Figueira da Foz, seguindo-se a cerimónia do hastear da Bandeira Nacional.-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA: “Senhor Presidente da Câmara, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Exm.ªs Autoridades Cíveis e Militares presentes, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes de Junta, Senhores Convidados, Filarmónicos da Sociedade Artística e Musical Carvalhense, minhas senhoras e meus senhores, está aberta a Sessão Solene da Assembleia Municipal da Figueira da Foz Comemorativa do 38º Aniversário da Revolução do 25 de Abril.-----

Dou a palavra ao Representante da Associação 25 de Abril, Coronel Góis Moço.”---

CORONEL GÓIS MOÇO: “abril não desarma. Há 38 anos, os Militares de abril pegaram



em armas para libertar o Povo da ditadura e da opressão e criar condições para a superação da crise que então se vivia.-----

Fizeram-no na convicta certeza de que assumiam o papel que os Portugueses esperavam de si.-----

Cumpridos os compromissos assumidos e finda a sua intervenção direta nos assuntos políticos da nação, a esmagadora maioria integrou-se na Associação 25 de Abril, dela fazendo depositária primeira do seu espírito libertador.-----

Hoje, não abdicando da nossa condição de cidadãos livres, conscientes das obrigações patrióticas que a nossa condição de Militares de abril nos impõe, sentimos o dever de tomar uma posição cívica e política no quadro da Constituição da República Portuguesa, face à atual crise nacional.-----

A nossa ética e a moral que muito prezamos, assim no-lo impõem!-----

Fazemo-lo como cidadãos de corpo inteiro, integrados na associação cívica e cultural que fundámos e que, felizmente, seguiu o seu caminho de integração plena na sociedade portuguesa.-----

Porque consideramos que:-----

O contrato social estabelecido na Constituição da República Portuguesa foi rompido pelo poder. As medidas e sacrifícios impostos aos cidadãos portugueses ultrapassaram os limites do suportável. Condições inaceitáveis de segurança e bem-estar social atingem a dignidade da pessoa humana.-----

O rumo político seguido protege os privilégios, agrava a pobreza e a exclusão social, desvaloriza o trabalho.-----

Sem uma justiça capaz, com dirigentes políticos para quem a ética é palavra vã, Portugal é já o país da União Europeia com maiores desigualdades sociais.-----

Portugal não tem sido respeitado entre iguais, na construção institucional comum, a União Europeia.-----

Portugal é tratado com arrogância por poderes externos, o que os nossos governantes aceitam sem protesto e com a autossatisfação dos subservientes.-----

O nosso estatuto real é hoje o de um «protetorado», com dirigentes sem capacidade autónoma de decisão nos nossos destinos.-----

Entendemos ser oportuno tomar uma posição clara contra a iniquidade, o medo e o conformismo que se estão a instalar na nossa sociedade e proclamar bem alto, perante os Portugueses, que:-----

A linha política seguida pelo atual poder político deixou de refletir o regime democrático herdeiro do 25 de Abril configurado na Constituição da República



Portuguesa;-----
O poder político que atualmente governa Portugal, configura um outro ciclo político que está contra o 25 de Abril, os seus ideais e os seus valores;-----
Em conformidade, a A25A anuncia que:-----
Não participará nos atos oficiais nacionais evocativos do 38.º aniversário do 25 de Abril;-----
Participará nas Comemorações Populares e outros atos locais de celebração do 25 de Abril;-----
Continuará a evocar e a comemorar o 25 de Abril numa perspetiva de festa pela ação libertadora e numa perspetiva de luta pela realização dos seus ideais, tendo em consideração a autonomia de decisão e escolha dos cidadãos, nas suas múltiplas expressões.-----
Porque continuamos a acreditar na democracia, porque continuamos a considerar que os problemas da democracia se resolvem com mais democracia, esclarecemos que a nossa atitude não visa as Instituições de soberania democráticas, não pretendendo confundi-las com os que são seus titulares e exercem o poder.-----
Também por isso, a Associação 25 de Abril e, especificamente, os Militares de abril, proclamam que, hoje como ontem, não pretendem assumir qualquer protagonismo político, que só cabe ao Povo português na sua diversidade e múltiplas formas de expressão.-----
Nesse mesmo sentido, declaramos ter plena consciência da importância da instituição militar, como recurso derradeiro nas encruzilhadas decisivas da História do nosso Portugal. Por isso, declaramos a nossa confiança em que a mesma saberá manter-se firme, em defesa do seu País e do seu Povo. Por isso, aqui manifestamos também o nosso respeito pela instituição militar e o nosso empenhamento pela sua dignificação e prestígio público da sua missão patriótica. Neste momento difícil para Portugal, queremos, pois:-----
1 - Reafirmar a nossa convicção quanto à vitória futura, mesmo que sofrida, dos valores de abril no quadro de uma alternativa política, económica, social e cultural que corresponda aos anseios profundos do Povo português e à consolidação e perenidade da Pátria portuguesa.-----
2 - Apelar ao Povo português e a todas as suas expressões organizadas para que se mobilizem e ajam, em unidade patriótica, para salvar Portugal, a liberdade, a democracia.-----
Viva Portugal!"-----



PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado Nelson Fernandes.-----

NELSON FERNANDES: “Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores Deputados Municipais, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhores Vereadores, Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

De 25 de Abril de 1974 até hoje percorremos um caminho de 38 anos. Com 25 de Abril de 1974, os militares e o povo português derrubaram o fascismo. Um regime que na altura, nós os comunistas, caracterizávamos como “uma ditadura terrorista dos monopólios associados ao latifúndio e ao imperialismo estrangeiro”. Olhando hoje para trás, é verdade que ainda desfrutamos das liberdades formais, mas no entanto são já evidentes alguns afloramentos de situações potenciadoras de limitações aos direitos liberdades e garantias conquistadas em abril.-----

Desde já uma espécie de congelamento temporário da Constituição da República, patrocinado pelo Tribunal Constitucional, num parecer que, na opinião de constitucionalistas insuspeitos, reflete por si só uma limitação da independência do poder judicial sobre o poder político.-----

Uma segunda situação reflete cada vez mais uma limitação dos cidadãos à participação nas decisões políticas. É significativo que, às sucessivas abdições da soberania nacional, decorrentes do processo de integração europeu, de que é exemplo o último tratado sobre o orçamento de estado, que arreda os parlamentos nacionais da responsabilidade das políticas orçamentais, nunca, até hoje, foi dada ao povo português, uma oportunidade de participar no processo de formação das políticas postas em prática pelos governos nacionais.-----

As originais euforias decorrentes da integração europeia, e da posterior adesão ao euro, e a subsequente financeirização da economia, aquilo a que chamamos “a economia de casino”, a que se associou a destruição da agricultura e pescas, e da indústria transformadora, deram origem aos deficits das contas públicas e ao aumento exponencial da dívida soberana.-----

Em 2007, na Conferência Nacional do PCP sobre Questões Económicas firmava-se que «uma análise séria da realidade económica... mostra-nos que a questão nodal da economia portuguesa continua a ser o deficit externo. Primeiro porque ele espelha as deficiências da nossa estrutura produtiva, a sua incapacidade para produzir um valor de bens e serviços suficientes para satisfazer as necessidades da sociedade portuguesa.-----

Segundo porque esse deficit de produção significa menos possibilidades de emprego para os trabalhadores portugueses. E em terceiro lugar porque esse



deficit gera um crescimento permanente da dívida externa do país e, mais cedo ou mais tarde essa dívida terá de ser paga. E se não o é com o aumento da produção, terá de o ser pela venda de ativos, sejam eles empresas ou bens imóveis, ou através da redução do nível de vida da população portuguesa...»-----

Não sendo a profecia o nosso forte, esta análise preanuncia aquilo que posteriormente veio a acontecer com a intervenção da troika estrangeira, tal como não é premonição o facto de declararmos hoje que às políticas de austeridade vão seguir-se políticas de austeridade, de que já é exemplo este orçamento rectificativo, e de que tem sido exemplo a situação da Grécia ou da Irlanda.-----

As políticas de austeridade a que estamos a assistir, além de não resolverem o problema da dívida, são profundamente atentatórias da dignidade e da autoestima do povo português. O aumento exponencial do desemprego, traz consigo a fome e a miséria, com que todos os dias temos de conviver: faz regressar a emigração sobretudo dos mais jovens, e também dos mais bem preparados. O corte de salários, quer em numerário, quer pelo aumento do tempo de trabalho, traz a diminuição drástica do nível de vida. Os cortes na saúde na educação e nas prestações sociais constituem um sério atentado á coesão social.-----

Poderão dizer que esta situação será transitória. Nós acreditamos que sim naquilo que dependa da luta dos trabalhadores e do povo. Naquilo que depende do governo e da ideologia liberal, mostram-nos o futuro quando nos dizem que já não há empregos para a vida o que desestrutura a constituição da família e da descendência; quando mostram que a sua solução para o emprego é a emigração; quando liberalizam as relações de trabalho fazendo do trabalhador apenas e só um custo de produção; quando, por razões económicas, se dificulta o acesso à educação e à saúde, afastando os mais desfavorecidos do acesso aos graus superiores do ensino, ou do acesso à assistência na doença; quando se põe em causa a Segurança Social retirando para os privados as receitas dos maiores contribuintes. E agora um aviso para os mais distraídos. A exigência de mais austeridade e a ausência de perspectivas de futuro só se pode prolongar no tempo com o recurso à supressão das liberdades. A direita neoliberal mostra-nos o futuro que nos reserva. Futuro esse que é na realidade um retrocesso civilizacional.-----

Meus senhores e minhas senhoras.-----
Aqueles que atribuem a atual situação ao excesso de despesa dos últimos dez



anos, e estamos novamente a citar a posição do PCP em 2007, passam por cima da abertura do mercado interno, das privatizações das empresas básicas e estratégicas e do seu progressivo domínio pelo capital estrangeiro; da destruição do aparelho produtivo e da implementação de grandes cadeias de distribuição internacionais, levando cada vez mais à substituição da produção nacional pela estrangeira; a quebra de competitividade das nossas exportações pela apreciação do euro; ou que, ressaltando poucas exceções, os grandes grupos nacionais deixaram de investir nas atividades produtivas, preferindo as altas rentabilidades das atividades imobiliárias, financeiras, de intermediação e especulativas.-----

Mas nós entendemos que não se chegou aqui por obra e graça do Espírito Santo. A situação atual é na realidade violadora do espírito de abril, da data que hoje comemoramos. É um ajuste de contas com as conquistas da revolução. E dizemos mais. Mas esta situação é um processo, em cujas políticas estão comprometidos não só este governo e estas personalidades, mas também governos e personalidades, que só agora acordaram para a realidade da violação do espírito de abril.-----

Por nós continuando naturalmente a considerar que a luta de massas é decisiva para a construção de uma democracia política, económica, social e cultural, que consta do nosso programa, não descuramos a participação institucional como elemento dessa luta. É esse o nosso compromisso com os trabalhadores, com o povo e com o país.-----

Viva o 25 de Abril. Viva Portugal."-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra à deputada Isabel Coimbra.-----

ISABEL COIMBRA: "Sr. Presidente da Assembleia Municipal, Senhoras e Senhores Vereadores e Deputados Municipais, Sr. Presidente da Câmara, Minhas Senhoras e meus Senhores.-----

Assinala-se hoje mais um aniversário do 25 de Abril de 1974.-----

Uma data marcante na vida da sociedade portuguesa do século XX, que colocou um ponto final num regime incapaz de oferecer dignidade e esperança a um povo há muito oprimido. Nesse já distante ano, talvez uma data estéril para todos os que já nasceram em clima de liberdade, o sentimento de revolta culminou numa revolução capitaneada pelos militares de abril. As gentes alvoroçaram-se e saíram à rua para festejar o fracasso de um regime despótico, que durante 48 longos anos desfez vidas com a guerra, prisão e tortura, analfabetismo e miséria



quase generalizada. Um regime que doutrinou o país pelo medo e obrigou a maioria à obediência, ao consentimento, à resignação.-----

Em 25 de Abril de 74 alvoreceu a esperança de ver realizado o sonho democrático, que possibilitaria melhores condições de trabalho a uma população desgastada pelas más circunstâncias de vida. Aquele inconformismo resistente de muitos portugueses que ao longo dos anos combateram à altura dos maiores, apresentava finalmente como possível o exercício de uma cidadania democrática e participativa.-----

Embora jovem, participei nessa esperança. Associei-me a essa inquietação militante de abril, que me fez acreditar num Portugal mais crítico, mais justo, mais fraterno, dinâmico e criador de resultados positivos.-----

Assim, homenagear abril neste século XXI significará defender o direito ao salário mínimo nacional e a condições de trabalho merecidas. Será defender o serviço Nacional de Saúde sem contenções de esforço brutais que coloquem em risco o direito à vida. Será defender um sistema educativo gratuito e democrático, com igualdade de oportunidades, eficaz e de qualidade. Será defender os interesses dos mais idosos garantindo-lhes uma reforma digna... Homenagear abril e a democracia será também defender o poder local, escolhido em eleições democráticas, reconhecendo-lhe os largos benefícios para as populações locais. Porém, homenagear abril será colocar o exercício desse poder ao serviço do bem comum, equilibrar recursos financeiros que não são ilimitados, e exercitar uma responsabilidade partilhada sem omissões de posição, sem lugar a falsas promessas ou vaidades anacrónicas, sem demagogias ou audácias insustentáveis, que possam comprometer o futuro da presente e próximas gerações. No fundo, homenagear abril será celebrar o espírito democrático e a liberdade de expressão, que nos permite o jogo da pergunta e da argumentação. Jogo que nos obriga a escutar, a debater, a entrar em consensos, para um exercício de poder partilhado por todas as instituições democráticas. Será exaltar a coragem de apresentar alternativas exequíveis, economicamente sustentáveis, que garantam a independência nacional. Será exercitar o poder de uma forma dialógica, com esse mesmo brilho nos olhos de há 38 anos.-----

Mas, Minhas Senhoras e meus Senhores-----

Trinta e oito anos após o 25 de Abril de 1974 Portugal apresenta-se mergulhado em magna crise económica e social. O que terá falhado? Teremos tido decisores políticos capazes de resguardar a nossa jovem democracia e a dignidade



conquistadas? Ou teremos andado iludidos por falsos discursos e esquecemos o ideal de abril? Hoje, Portugal caracteriza-se por:-----

1 - Um atraso e imobilidade do sistema político-partidário - com partidos de vocação eleitoral, plásticos e mediatizados e em alternância governamental praticamente desde início - o que tem vindo a ser questionado pela elevada abstenção nos atos eleitorais;-----

2 - Pelas políticas apadrinhadas por partidos que permitiram a realização de algumas ambições ilegítimas, como falsas riquezas, devassidão e desperdício de verbas, bastas vezes hospedadas em compadrios e troca de favores;-----

Pela corrupção num Estado de Direito subvertido, saído de intervenções governamentais que têm vindo a diminuir a confiança no sistema judicial, anulando os esforços punitivos, fomentando a impunidade e o conflito de valores éticos e morais;-----

Por um Estado que ao longo dos anos acabou por colocar o país nas mãos do Banco Central Europeu, Comissão Europeia, FMI ou OCDE, organizações externas que pressionam políticos e políticas nacionais para a alteração de leis, e que consideram as pessoas como mera mercadoria empresarial;-----

Por um Estado enfatuido que ao longo dos anos deixou de ter como intervenção prioritária a Saúde, a Educação e a Justiça, e que se desculpa com a dívida pública, confundindo-a com o pagamento da dívida externa/interna, continuando a iludir-nos com a mentira e hipocrisia.-----

Um Estado que - matreiramente disfarçado de pessoa de bem - corta benefícios às populações mais necessitadas, desmantela a classe média, desemprega, sem dar o exemplo e sem romper com muitos dos seus privilégios, e que permite que haja hoje de novo crianças e jovens a chegar à escola com fome, é um Estado que no lugar da inclusão, marginaliza e exclui, numa realidade diferente do modelo de sociedade igualitária sonhado na Revolução de 74.-----

Deste modo, a democracia reclamada nesse triunfante dia de abril deve ser agora, mais do que nunca, homenageada, pois, permite que todos nós, cidadãos livres por direito natural, lutemos para conservar os nossos direitos que mais não são que direitos humanos. Nestes constrangidos momentos de austeridade profunda, que seja abril a determinar-nos, e, em união de vontades, sejamos capazes de rejeitar a divisão do país entre ricos e pobres, excluídos e privilegiados, encontrando uma verdadeira política alternativa que proponha um estilo de vida diferente.-----



Srs. Presidentes, Srs. Vereadores e Deputados, Minhas Senhoras e meus Senhores. - Neste momento comemorativo resta-nos a convicção de repugnar o Estado Novo, reavivando esse sonho de abril, com o ideal de viver num país digno, incorruptível, decoroso, humanizado e sustentável e que respeite a população nacional.-----

Aquelas horas de Revolução, vividas na plenitude da esperança e na alegria da vitória, jamais podem cair no nosso esquecimento. Se assim fosse, desprezariamos o sofrimento de muitos corajosos portugueses que foram vítimas da intolerância, da miséria, da censura e da solidão. Se assim fosse, abril teria sido inútil!--- Minhas Senhoras e Meus Senhores-----

Para terminar, deixo a ideia mestra dum poema de Brecht: «Nada É Impossível De Mudar! Para que não sejamos Vencidos na Vida».----- Viva Portugal!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra à deputada Margarida Fontoura.-----

MARGARIDA FONTOURA: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhores Deputados Municipais, Senhores Vereadores, Minhas senhoras e meus senhores, as minhas saudações democráticas.-- O que nos traz aqui hoje, o que hoje nos une aqui, neste dia 25 de Abril, é a Democracia e a Liberdade.-----

Mais do que fazer aqui um repositório histórico, quero exercer um exercício de cidadania, porque acho que é com a cidadania que se cumpre abril.-----

Neste momento de incertezas, é necessária uma reflexão profunda sobre o que queremos para a Figueira e para Portugal. Nunca como hoje, isso foi tão imperativo.-----

Temos de refletir sobre a nossa realidade coletiva, local e nacional, e coragem para alterar a tão grave situação que o país enfrenta. Agir com firmeza e com total respeito pelos princípios e pelos valores da Democracia, em que queremos continuar a viver. É uma condição política básica, para ajudar a ultrapassar as adversidades que a realidade impõe.-----

São tempos difíceis estes! Todos não somos demais para os desafios que temos pela frente. Saibamos ser herdeiros daqueles que, noutras circunstâncias da nossa história, tão ou mais graves da que vivemos, souberam honrar o interesse público e o interesse nacional, apontando e mobilizando os portugueses para caminhos de esperança e de futuro sustentável.-----

A ausência da noção de realidade com que Portugal foi governado nos últimos



anos, conduziu o País para uma situação gravíssima, obrigando-nos agora a ter que viver com medidas de austeridade muito dolorosas. As consequências sociais em Portugal são gravíssimas; o desemprego - em níveis históricos - é uma chaga que alastrou ao ritmo das falências empresariais e pessoais.-----
Quando se perdem valores como a ética e a moral, é a própria democracia que perde. Como no dia 25 de Abril, é tempo para uma revolução de mentalidades, de valores, de vontades. Ainda estamos a tempo de mudar o rumo... Todos somos responsáveis (uns mais do que outros , é certo...) em não hipotecar o futuro das gerações vindouras.-----
Saibamos ser herdeiros dos que partiram à descoberta de novos mundos, e não dos que ficaram no cais, na zona de conforto, como agora se diz.-----
É tempo de exercer com eficácia o poder público, central e local. É tempo de lutar contra as injustiças e as desigualdades que se instalaram nos últimos anos. Esse é o espírito de abril. Esse é o legado dos que são a nossa referência. Saibamos ser grandes, como eles o foram, na diferença e na pluralidade democrática.-----
Há quem esteja a pagar mais do que pode e há quem esteja a pagar menos do que deve na sua responsabilidade social.-----
Foi também para isso que se fez o 25 de Abril. Para que haja equidade e justiça nos sacrifícios e equilíbrio na distribuição dos benefícios, como há dias dizia o Ministro Vitor Gaspar.-----
Façamos com que o esforço se justifique.-----
Este é um momento difícil, mas consciente da realidade. Este é um momento penoso, mas traçando o rumo certo. Este é um momento tormentoso, mas carregado de esperança no futuro.-----
Cumprir abril é também ter a coragem de abandonar as velhas receitas que conduziram o País para a situação difícil em que ainda se encontra.-----
Uma coisa é certa: não sairemos deste vale de dificuldades com fugas à realidade, nem com excessos retóricos, mas apenas com decisões tomadas com determinação, responsabilidade e método.-----
Como recentemente afirmava o Primeiro-Ministro: «Um momento como aquele que estamos a viver é ainda mais importante que façamos escolhas consequentes e resolutas: para reparar as escolhas do passado de muitos anos que nos conduziram até ao difícil estado atual de coisas; para enfrentar os graves problemas do presente; e para preparar um futuro mais livre, com mais escolhas e com novos



horizontes.»-----
Muito já se fez, muito há ainda para fazer a nível nacional e local, a começar pela implementação de políticas de emprego e de crescimento económico.-----
Também a nível local importa refletir para onde queremos ir. Em momentos diferentes da sua história, a Figueira viveu tempos de grande projeção que criaram à volta da cidade uma dinâmica própria e um crescimento económico que importa recuperar.-----
As condições naturais permitem-nos dizer que a Figueira tem encantos que potenciam alguns vetores de desenvolvimento, mas num mundo global as condições naturais ajudam mas não bastam para a afirmação dos territórios. Nos tempos exigentes que vivemos, a inovação e o empreendedorismo são palavras-chave para o sucesso.-----
É fundamental que se desenhe um novo modelo de desenvolvimento económico para o concelho, com um pendor muito forte no setor industrial. É exatamente nos momentos difíceis para a economia que podemos fazer a diferença criando condições para os que querem e podem começar novos projetos.-----
É preciso manter a esperança de que é possível viver num concelho que se afirme no contexto regional e nacional como um município moderno, inovador, competitivo e alegre.-----
Saibamos avançar com a humildade dos que também erram.-----
Como escreveu Jules Renard, «o homem livre é aquele que não receia ir até ao fim da sua razão.»-----
Assim foi em abril de 74. Assim deve ser hoje e sempre. Viva o 25 de Abril, a Liberdade e a Democracia. Viva a Figueira. Viva Portugal.”-----
PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado Luis Almeida e Castro.-----
LUIS ALMEIDA E CASTRO: “Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exmo. Senhor Presidente da Câmara, Exmos. Senhores Vereadores, Exmos. Senhores Deputados da Assembleia Municipal, Exmos. Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia do Concelho da Figueira da Foz, Exmos. Senhores Representantes da Associação 25 de Abril, Exmos. Senhores Convidados, Senhores Jornalistas, Minhas senhoras e meus senhores.-----
Haveriam de ser simples e livres os textos sobre um dia de libertação. Haveriam de ser simples e livres os textos sobre o 25 de Abril de 1974. Textos ingénuos, de chamar a união e a utopia. Textos sobre o que se quisesse escrever. Quem fez esse dia pensava e sentia assim. E se fossem escritos hoje, esses textos



haveriam de ser quase apolíticos e muito sobre refundar. Já não refundar primeiro a economia, o estado e «o contrato social», mas refundar o combate à desigualdade, à indignidade e ao desespero. São estes os nossos tristes tempos. Trinta e oito anos depois e, no momento, este é o pouco que resta. Isto não se ouviu nenhum político dizer. Pior que uma nação que fecha os olhos, só uma que os fecha ainda viva.-----

É certo, estamos aqui contra um império global. O império dos mercados, quando deveria ser o império da lei. É certo que o mundo mudou. Mudaram premissas políticas, países, soberanias, economias e mudaram essas únicas coisas que mudam mesmo o mundo: as ideias. Mas outras coisas não mudam. Não muda a luta contra más ideias e por novas ideias. Não mudam a vontade, e o orgulho portugueses.---- Saibamos sempre lembrar que Morus escolheu falar com um marinheiro português sobre justiça e utopia. Que Morus fez Rafael português não tanto pela nossa secular capacidade de atravessar mares, mas mais pela simples centelha inicial de espírito que pensa começar a viagem.-----

Reparem que, mais que nunca, se precisa de discursos mobilizadores, estimulantes, e eles não existem. No ruído das televisões e dos jornais ninguém fala simples e ninguém diz o que é preciso. Mais grave, quem assim deve falar parece, mais do que não querer, não ter já consciência da sua necessidade.-----

Perceba-se agora que não há nenhum populismo em dizer que maioria de nós passa muito mal. Que não há demagogia em dizer que os portugueses vivem hoje em angústia permanente. Incertos sobre se no próximo mês têm o necessário para o seu sustento. Que a rua está triste. Que nenhum discurso mobilizador vem sem esta menção inicial e noção clara da realidade. Que em falência iminente, demagogia e populismo é dizer que se preocupam com o povo, quando o que há a dizer, diferença essencial, é que nos devemos preocupar uns com os outros. Não há demagogia em confiarmos nos nossos instintos, e se o caminho não nos parece certo, tomemo-nos de palavras e formas de o dizer.-----

Portugal é o hoje um assalto. Um assalto ao Estado social, ao Serviço Nacional de Saúde, às melhores Empresas Nacionais, aos setores estratégicos do Estado, e, com a presente carga fiscal, aos cidadãos e às empresas. E, como num assalto perigoso, armado, ninguém se mexe. Esta é uma deriva ideológica, com a única atenuante, reconheça-se, das poucas alternativas imediatas quanto ao financiamento do estado, vulgar bancarrota.-----

Mas, não há textos simples sem ideários. E é tola a ideia que em tempos de



emergência eles não fazem sentido. Fazem sempre. Duas citações muito improváveis podem servir de força à esquerda democrática. A força pode vir de qualquer lado. A primeira de Milton Friedman: «a História somente sugere que o capitalismo é uma condição necessária à liberdade política. Evidentemente não é suficiente.» A outra de Karl Popper: «um mercado livre é paradoxal. Se o estado não interfere, então, outras organizações semipolíticas, como monopólios, cartéis, sindicatos, etc., podem interferir reduzindo a liberdade do mercado a uma ficção.»-----

E da esquerda... que ninguém parece já nada saber, devemos antes focar o simples: primeiro saber as suas razões de ser. Agora para quê, por quem e para onde? E segundo, sabendo agora que o mercado não tem as virtudes anunciadas a viva voz, é altura de também a esquerda se refundar, com outros fins e outras formas. Nem tudo tem de ser novo, como refere Franco Cazzola, «basta pensar no que ainda há fazer em termos de qualidade e quantidade ao nível do emprego, da redistribuição da riqueza, da internacionalização dos direitos sociais e do restabelecimento do primado da política sobre a economia.»-----

E outra coisa tem de ser dita. Não traz bem ao País e à cidade que as esquerdas não se entendam. Que não haja diálogo, entendimento, compromisso, cooperação e atualizações próprias. Uns pensam que têm de se distanciar porque outros estão longe. É verdade, mas não esqueçamos que a distancia é entre todos e foi feita por todos, e que a permanente recusa ao diálogo e ao entendimento, diga-se sem medo, só fortalece o centrismo ideológico dos partidos de poder, mormente do próprio PS. Como hoje é dia, prefiro agora dizer, mais de boa ingenuidade e esperança do que de utopia, deixo o apelo a esse laço de esquerdas, ou pelo menos que a sua tentativa se renove sempre.-----

O homem de Atenas, que se suicidou há uma semana na praça em frente ao parlamento, deixou escrito: «não vejo outra solução do que este fim digno da minha vida, para não acabar a procurar comida nos caixotes de lixo para me sustentar.»-----

Na revista Visão de 12 de abril do corrente ano, José Gil dizia que esse homem de Atenas «morreu afirmando uma vida digna e, fazendo-o, afirmou a vida, maior que a morte. Desapareceu fazendo aparecer a Grécia inteira.»-----

Não ousemos duvidar que nestes tempos já morreram portugueses assim e do mesmo mal. Talvez mais anonimamente, talvez no escuro de casa e não em praças, talvez sem notas de despedida tão explícitas, talvez enquanto víamos a bola ou a meio da novela, talvez em mais silêncio e mais silenciados. Mas eles foram... e



Portugal ainda não apareceu com eles. Só nos resta crer que vai aparecer e que quem partiu desejava muito isso. Que afinal, quem partiu afirmou foi a vida, momentos felizes e a sua pátria. Que, quando partiram, afinal quiseram foi refundar o combate ao desespero. Tudo indica que sim, pois sabe-se apenas agora, estranhamente, ou não, que todos deixaram uma nota em papel com o «Quando» de Sophia lá escrito:-----
«Quando o meu corpo apodrecer eu for morta-----
Continuará o jardim, o céu e o mar,-----
E como hoje igualmente não de bailar-----
As quatro estações à minha porta.-----
Outros em abril passarão no pomar-----
Em que tantas vezes passei-----
Haverá longos poentes sobre o mar,-----
Outros amarão as coisas que eu amei.-----
Será o mesmo brilho, a mesma festa,-----
Será o mesmo jardim à minha porta,-----
E os cabelos doirados da floresta-----
Como se eu não estivesse morta.»-----
E é por bem ao meu País, que antes de Viva Portugal, que fica já dito, digo Viva o 25 de Abril.»-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao Presidente da Câmara.-----

PRESIDENTE DA CÂMARA: “Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Exm^{as} Autoridades Cíveis e Militares Presentes, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes de Junta, Senhores Convidados, Filarmónicos da Sociedade Artística e Musical Carvalhense, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Neste dia em que evocamos a revolução de abril não é suficiente que se relembrem os acontecimentos e os factos, agora já históricos, que se aborde as causas que estiveram na sua origem, nem tão pouco, faz sentido que nos questionemos se abril valeu a pena.-----

Todos os indicadores económicos e sociais, da educação à saúde, da segurança social à esperança de vida, da habitação ao consumo, da cultura à participação cívica, demonstram e justificam, não só a tomada de posição histórica que então foi feita, mas também o percurso que fizemos, ainda que, esse caminho, possa ter sido acompanhado de altos e baixos, de melhorias e progressos desejados mas não



verificados e atingidos.-----
Como escreveu o professor EDUARDO LOURENÇO no seu LABIRINTO DA SAUDADE e o vem repetindo nas suas sábias intervenções públicas CHEGOU O TEMPO DE NOS VERMOS TAL COMO SOMOS. Mais do que os números e o seu tratamento estatístico, importa olhar para além deles e sabermos que sociedade somos hoje, que identidade construímos, onde estamos, que valores definimos como primordiais, que essência é a nossa e só assim, poderemos acertar passo com o resto do mundo e preparar o futuro.-----
Estamos hoje, como nunca tinha historicamente acontecido, mais ligados à Europa e ao mundo; nós, que fundámos e iniciámos o moderno mundo globalizado, somos agora, depois de décadas de afastamento, seus participantes de facto e de direito, recebendo e dando o que este tem de bom e de mau.-----
É a hora do encontro com a realidade. Mal ou bem construímos o tempo e tecemos a nossa teia.-----
Participamos, no entanto, de uma sociedade cuja alienação pelo consumo se instalou, onde o sentido do efémero tomou conta do nosso quotidiano, onde arredamos o pensamento e as ideias pela manifestação constante da verbalização individualista das nossas emoções, onde nos expomos de forma pouco cautelosa e onde a materialidade ultrapassou o sentido da dignidade e, infelizmente, ao contrário do que previu Kant, o homem tornou-se num objeto comercial com um preço.-----
Desvalorizámos conscientemente os valores que nos diferenciavam a troco de mais e melhores utilidades. Sempre na busca de uma felicidade inatingível que diariamente nos foi prometida como se a prudência e a precaução fizessem parte de uma visão passadista.-----
Confundimos utopia com virtualidade, quando sabemos que a primeira conduz à ação e a segunda ao seu contrário; mas vivemos num mundo virtual.-----
Confundimos representação política com expressão individualista e entramos numa espiral de histeria opinativa, pensando que assim reforçamos a nossa liberdade de expressão, mas limitámo-nos a produzir ruído.-----
Confundimos crescimento com desenvolvimento e colocamos de lado a sustentabilidade das decisões que tomamos.-----
Insustentável leveza que nos conduziu ao estado de amargura, não tanto pela perda dos bens que desfrutámos, mas pela nítida consciência do tempo perdido e da futilidade das opções assumidas. Vivemos de forma envergonhada por ter desprezado soluções simples, mais compatíveis com um projeto de coesão social e



felicidade.-----
Adotamos a política como um jogo de poder teatralizado, mediático, que privilegia o secundário ao essencial, que afirma a unanimidade por um modelo único, que dá margem ao individualismo, em detrimento do coletivo e onde o outro existe mas não se lhe reconhece alteridade.-----
Proclamámos o fim da história como se todos os problemas civilizacionais estivessem assegurados, prosperando em atualização permanente a que nos podíamos entregar.-----
Insensíveis ao esforço alheio e à legítima ambição de outros povos se quiserem afirmar com trabalho árduo que nos habituámos a minimizar.-----
Neste estado leviano desprezámos a política, remetendo-a para um papel secundário, próprio de diletantes de jogos florais, de natureza improdutiva e como tal desprezível.-----
Criamos assim a política, sem política, um produto à primeira vista inofensivo, como o café sem cafeína, o cigarro sem nicotina, a cerveja sem álcool, as natas sem gordura, a guerra sem guerra de Collin Powell, enfim, um mundo supostamente puro, asséptico mas desenraizado da sua essência e, contrariando a sua natureza, afinal em estado impuro.-----
O individualismo é hoje tão exacerbado que o principal direito, como escreve SLAVOJ ZIZEK, é o de não se ser incomodado; inventamos o «ELES» desculpabilizante e esquecemo-nos que a política é missão de todos, envolvimento de todos, participação de todos. A ditadura do «ELES» criou uma sociedade de inocentes culpados que se esquecem, como proclamou EÇA DE QUEIRÓS quando a si próprio se colocou a pergunta sobre quem tinha prejudicado o país, que a resposta era «A PÉSSIMA ADMINISTRAÇÃO DE TODOS, O DESPERDÍCIO DE TODOS».-----
A invenção do ser digital, materializado na fita magnética eletrónica, acentuou a diferença entre o nós (o povo) e o eles (os políticos) o que, para além da onerosa desculpabilidade que acarreta, faz do nós o que se quer ser, porque o ser digital, assume a cada instante a identidade que quer e melhor lhe convém.--
Tornámo-nos espectadores de uma triste realidade que não queremos ver porque acreditamos piamente que estamos inocentes e em nada contribuímos para a sua evidência. Foi o outro, o político, o insensível, que na avidez de protagonismo abalou a doce quietude do nosso bem-estar.-----
Vivemos um quadro vazio de valores ou, no mínimo, o que vai dar ao mesmo, o sentimento da falta de alternativa de soluções e de alteridade. Esta situação é



geradora de um moderno NIHILISMO, o sentimento de ausência de presente e de futuro, o apelo ao vazio, a coisa nenhuma, que remete para todas as possibilidades, sobretudo as mais destrutivas.-----

Vislumbro, no entanto, ilhas seguras a partir de onde se pode retomar o sentido da essência dos valores que nos construíram e que dinamicamente temos que saber atualizar. Teremos, para as erigir em continentes de esperança, que encontrar novos paradigmas e modelos de participação cívica e de construção de modelos economicamente sustentáveis em que o crescimento impante, imparável e suicidário deixe de ser o objetivo a prosseguir.-----

Temos que retomar o compromisso social. Encarar o nosso trabalho como contributo de valor acrescentado, socialmente útil, produzido e concebido em função de um desígnio comum de relevante interesse público. Abandonar as práticas hedonistas do lucro pelo lucro que irremediavelmente depauperam a Humanidade. Temos de retomar a prática sadia do «construir».-----

É necessário refundar as estratégias e os caminhos que nos levem de novo aos princípios seguros da liberdade, da igualdade e da fraternidade. O atual modelo está esgotado nas suas premissas.-----

Para isto temos que verter para a política o sentido de missão, dar-lhe ética, consciência, pragmatismo e, sobretudo, reiventá-la como ação coletiva, de interesse geral que a todos respeita e assim devolver-lhe seriedade, competência e responsabilidade. De todos, para todos. Aos partidos, instrumentos essenciais e indispensáveis da vida democrática, cabe aqui um papel importante: recolher participações, escolher os melhores, pensar, construir programas de ideias, colocar o interesse coletivo à frente de todos os outros e impor a política e a legitimidade democrática à economia.-----

Não podemos aceitar a ideia que vivemos em crise permanente porque esta faz parte do sistema. A crise está em nós, vive em nós, somos nós que a sentimos, e portanto a nós nos cabe resolvê-la, se assim formos capazes e havemos de sê-lo.-

É imprescindível que voltemos às bases e ao essencial: como salientou ADAM SMITH: só contrariando os nossos interesses egoístas e repondo o nossos deveres sociais benévolos é que podemos «produzir entre a humanidade aquela harmonia de sentimentos e paixões que compõe toda a sua nobreza e decência.»-----

É este seguramente o caminho de abril tal como o concebemos.-----

Retomemos abril.-----

Tenho dito."-----



PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA: “Exmo. Sr. Presidente da Câmara, Sr. Representante da Associação 25 de Abril, Exmas. Autoridades Cívicas e Militares, Srs. Vereadores, Srs. Deputados Municipais, Srs. Presidentes de Junta, Srs. Convidados, Representantes da Comunicação Social, Minhas Senhoras e Meus Senhores.----- Cabe-me mais uma vez, na qualidade de Presidente da Assembleia Municipal, dirigir-vos umas singelas palavras evocativas da efeméride que aqui vimos comemorar, o 25 de Abril, que completa hoje 38 anos. ----- Eis uma idade que não sendo longa, também já não é jovem. ----- Será, por isso, sinónimo de maturidade, de responsabilidade, de idoneidade, suficientes para solidificarem em nós, povo português, os valores que nos trouxe essa manhã de glória e de luz! ----- E entre esses valores, porque no fundo os engloba, eu gostaria hoje de vos falar de cidadania. ----- O conceito de cidadania, começou a ser expressão corrente nos últimos anos. ----- No entanto, o conteúdo deste conceito tem uma longa história que começa como todos os grandes pilares da civilização europeia, na Grécia Clássica, sendo aí usado para designar os direitos relativos ao cidadão, isto é, o indivíduo que vivia na cidade e aí participava ativamente dos negócios e das decisões políticas. ----- Cidadania pressupunha, pois, todas as implicações decorrentes de uma vida em sociedade. -

Ao longo da história, o conceito foi-se ampliando, passando a englobar um conjunto de valores sociais que, determinam o conjunto de Deveres e Direitos de um cidadão. ----- Como disse Jorge Sampaio «cidadania é a responsabilidade perante nós e perante os outros». ----- É a consciência dos nossos direitos, mas também dos nossos deveres, que faz cada um de nós um cidadão. ----- Uma das mais claras definições deste conceito é aquela que diz: «Cidadão é aquele que está capacitado a participar da vida da cidade e, extensivamente da vida da sociedade.» - Ora o que me parece é que este binómio Direitos/Deveres é muitas vezes esquecido. A população portuguesa interiorizou mais os direitos do que os deveres, esquecendo ainda que um dos deveres fundamentais é a participação na coisa pública, na república. ----- Os portugueses queixam-se e reclamam muito, mas participam pouco e, como disse Platão «O preço a pagar por esta não participação na política é seres governado por quem é inferior». ----- Há muito comodismo nesta atitude: não participar livra-nos de alguns aborrecimentos, de



alguns incómodos, mas torna também o nosso reclamar muito mais oco e injustificado. -----
O défice de participação da sociedade civil portuguesa é, na minha opinião, o primeiro responsável pelo «estado da nação». -----
Achamos que eleger os nossos governantes é tudo o que devemos fazer e aí finda a cidadania. NÃO! NÃO! -----
A cidadania está em mil atitudes comuns. -----
Aliás, como nos poderemos queixar dos políticos que temos, se nas mais pequenas atitudes do quotidiano a falta de cidadania é flagrante? -----
Vemos tantas vezes uma inconcebível desatenção pelos mais idosos, pelas crianças, uma falta de respeito pelo espaço público que é de todos, nenhuma ou pouca preocupação em velar pelos bens públicos, pelo ambiente, até de um certa atitude de espertismo (passe o termo) na fuga aos impostos e nos pagamentos devidos ao estado. -----
A nossa sociedade condena pouco estas atitudes, vezes há em que as admite e até as chega mesmo a «admirar», muito ao contrário das sociedades do norte da Europa, que são muito ciosas e até intransigentes do que é Público e dos Interesses Públicos. -----
E isto porquê? Porque o cidadão português tem interiorizado muito pouco que «O que é Público é nosso e a todos pertence.» -----
Aliás a linguagem comum, fala muitas vezes de eles como os do estado, como se o Estado não fôssemos todos nós! -----
Ora hoje exige-se, e cada vez mais, uma cidadania ativa que tem muitos impactos sociais, culturais, ambientais, económicos e políticos. Sem essa atitude ativa, as sociedades terão as maiores dificuldades em se transformar no sentido positivo. Certamente terão tendência a definharem. -----
A família e a escola têm aqui um papel insubstituível na consciencialização das nossas crianças, para que amanhã possamos todos ser cidadãos, novos cidadãos, verdadeiros cidadãos. -----
Como disse António Sérgio «Para se aprender cidadania, é mesmo indispensável praticar a cidadania num contexto de permanente aprendizagem». -----
Mas a cidadania não se confina ao nosso pequeno espaço nacional. Estamos integrados num espaço europeu e por isso também falamos de uma cidadania europeia, aliás consagrada nos vários tratados europeus e hoje em dia tão falada. -----
E como cidadãos do mundo que também somos, nesta aldeia global, cada vez mais global, temos ainda que falar de cidadania no mundo. E este mundo, que queremos, em última instância, transformar com a nossa atitude ativa, porque: «Todo o ser vivo procura um mundo melhor» como tão bem disse o filósofo KARL POPPER. -----



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Ata n.º 3 da Sessão Extraordinária de 25-04-2012

A cidadania só nos chegou na sua plena extensão com o 25 de Abril. -----
Foram dados direitos e consagrados na Constituição da República. -----
Assim saibamos nós, portugueses, estar plenamente conscientes dos deveres que lhes andam
a par. -----
Viva o 25 de Abril. -----
VIVA PORTUGAL." -----
E não havendo mais assuntos a tratar, foi pelo Presidente da Assembleia
Municipal declarada encerrada a sessão eram doze horas e trinta minutos, da
qual, para constar, se lavrou a presente ata, que será previamente distribuída a
todos os membros da Assembleia Municipal para posterior aprovação e que vai ser
assinada pelo Presidente e pelo Secretário, nos termos da Lei.-----